



Debate na Fundação Perseu Abramo, ligada ao PT, reúne petistas e tucanos para discutir pesquisa com eleitores de SP

# Órgãos de PT e PSDB debatem periferia

Em evento, institutos ligados às siglas analisam valores liberais das classes mais pobres

FERNANDA MENA  
DE SÃO PAULO

Em um diálogo inédito entre fundações ligadas ao PT e ao PSDB, petistas e tucanos analisaram na terça (18), em São Paulo, as transformações da classe trabalhadora urbana apontadas pela pesquisa “Percepções e Valores Políticos nas Periferias de São Paulo”, da Fundação Perseu Abramo, ligada ao PT.

O estudo entrevistou 63 moradores da periferia de São Paulo que votaram em candidatos petistas de 2000 a 2012, mas mudaram essa tendência com Dilma Rousseff em 2014 e Haddad em 2016.

“Há material muito interessante para reflexão a partir desta tentativa do PT de entender como o cinturão vermelho se pintou de azul”, disse Sérgio Fausto, diretor do Instituto Fernando Henrique Cardoso, ao se referir à eleição de João Doria, no primeiro turno, em praticamente toda a periferia de São Paulo.

O resultado do estudo mais

difundido — e tido como surpreendente — sugere que as classes populares passaram a se identificar com valores liberais, sobrevalorizando meritocracia e mercado, em detrimento de um Estado que não entrega serviços.

A interpretação dos dados que levou a este resultado, no entanto, foi questionada pelos participantes do debate.

“A ideologia dominante afeta os dominados, mas não se trata de uma reprodução pura e simples. Ela é reelaborada”, avalia Andréia Galvão, do departamento de ciência política da **Unicamp**.

Ela cita a ode ao empreendedorismo e a valorização do mercado que emergem da pesquisa. A primeira, diz, pode ser interpretada como uma “alternativa ao desemprego, portanto, estratégia de sobrevivência, muito mais do que a aspiração de ser patrão”.

A segunda diria respeito a uma “lógica do consumidor, de quem paga, exige”. “O motivo para se admitir a compra de certos bens e serviços

advém mais da dificuldade de responsabilizar o Estado [por um mau serviço público prestado] do que da internalização da ideia de Estado mínimo, por exemplo. Criticar a ineficiência do Estado não torna a periferia liberal.”

Para Fausto, essa classe trabalhadora “escapa das classificações” tradicionais de classe do século 19.

“**Todo mundo que participou da redemocratização operou, de um jeito ou de outro, segundo práticas que levaram à desmoralização do sistema político. Falando em um português medonho: deu cagada, mais ou menos generalizada**”

SÉRGIO FAUSTO  
diretor do Instituto FHC

“São pessoas que sofreram um processo de mobilidade social acentuada, num curto espaço de tempo, mas que chega a um fim abrupto.”

Além disso, avalia, a “pesquisa é colhida no momento em que ‘deu ruim’”. “Muita gente que experimentou o plano de saúde privado e a escola privada voltou [para os serviços públicos]. O que vai resultar dessa experiência? Não é claro.”

Ele aponta para o desafio de entender como a sociedade brasileira, “ainda que não esteja politizada”, processará a atual crise política.

“Todo mundo que participou do processo de redemocratização de um jeito ou de outro operou segundo práticas que levaram à desmoralização do sistema político. É um fato. Ou a gente reconhece isso ou não tem onde se ancorar”, disse.

“A Lava Jato abre uma oportunidade. Mas, falando um português medonho: deu cagada. E ela é mais ou menos generalizada.”